

A CASA DA FAZENDA INGÁ, EM ACARI

82

Jeanne Fonseca Leite Nesi

Arquiteta e Diretora do Centro de Documentação Cultural da Fundação José Augusto

A fazenda Ingá, no município de Acari/RN, acha-se encravada em terras de uma antiquíssima data e sesmaria concedida aos 28 de setembro de 1684, pelo capitão-mor do Rio Grande, aos coronéis Antônio de Albuquerque da Câmara, Luís de Souza Fumaça, Lopo e Pedro de Albuquerque da Câmara. Em território habitado pelos tapuias Janduis e Canindés, aqueles beneficiários receberam doze léguas de terra.

Em 1741 já existia o Sítio do Ingá, pertencente a d. Joana da Câmara de Albuquerque, sobrinha e afilhada de Pedro de Albuquerque da Câmara. O Ingá passara a pertencer a d. Joana, "por deixa" do referido Pedro.

Segundo informa o falecido desembargador Silvino Bezerra Neto, baseado na tradição familiar, Silvino Bezerra de Araújo Galvão (1836-1921), ao contrair matrimônio, construiu a atual casa-grande do sítio do Ingá, "entre as habitações do pai e do sogro", respectivamente, Cipriano Bezerra Galvão e Cipriano Lopes Galvão, irmãos entre si. Aquele casamento ocorrera em ano de 1856.

Segundo o desembargador Silvino Bezerra Neto, a casa do Ingá achava-se "sempre caiada de branco, de portas e janelas azuis, com frente para o rio que corre do nascente para o poente. Entre o pátio e a alta serra se divisa entre outros o pico do Bico da

Continua Silvino Bezerra Neto: "Não me sai da memória também a densa nuvem de andorinhas que em determinado mês do princípio do ano chegavam piando e voando em grande altura, para dormirem nas fendas dos enormes rochedos que existem na montanha, revoando pela manhã para lugares ignorados e deixando ali o precioso adubo de que se utilizam os agricultores no plantio de batatas, com vantagens sobre outro qualquer, como se fora o do guano".

Em 14 de setembro de 1898, Juvenal Lamartine de Faria casou-se com d. Silvina Bezerra de Araújo, filha do cel. Silvino Bezerra de Araújo Galvão e de d. Maria Febrônia de Araújo. Após o matrimônio, o novo casal passou a residir na casa-grande da Fazenda Ingá, onde nasceram seus doze filhos.

Juvenal Lamartine, tronco da família Lamartine, nasceu na Fazenda Rolinha, em Serra Negra do Norte, em 9 de agosto de 1874. Era filho de Clementino Monteiro de Faria e de Paulina Umbelina dos Passos Monteiro. Era o primogênito de uma família de nove filhos. Em 1882, passou ele a residir com os pais na sede do município de Serra Negra. Em 1890 foi estudar em Caicó, matriculando-se no ano seguinte no Atheneu Norte-riograndense, em Natal. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito do Recife, aos 2 de dezembro de 1897.

Em 1898, assumiu a redação do jornal A República, a convite de Pedro Velho. Foi, ainda, vice-diretor do Atheneu, juiz das Comarcas de Acari, Jardim do Seridó, Caicó e do distrito judiciário de Santa Cruz. Iniciou ele a sua

carreira política em 1903, sendo eleito vice-governador do Estado, pelo Partido Republicano Federal. Em 1905, elegeu-se Deputado Federal, reeleito em 7 legislaturas seguidas. Na Comissão de Justiça, ofereceu parecer favorável ao voto feminino.

Foi também senador da República, em 1927, e governador do Estado em 1928, sendo deposto pela Revolução de 1930 e exilado para a Europa. Em apenas dois anos e nove meses como chefe do Executivo, o dr. Juvenal promoveu a renovação dos serviços públicos, reorganizou a

imprensa oficial, impulsionou as redes hospitalar, escolar e rodoviária do Estado, reaparelhou a Polícia Militar e assumiu uma enérgica luta contra o cangaço.

Além de criar o Aero-Clube e a Escola de Pilotagem, instituiu o voto feminino, passando a ser o Rio Grande do Norte o primeiro estado da América Latina a reconhecer os direitos políticos das mulheres. Dr. Juvenal retornou do exílio em 1933, passando a dedicar-se às atividades rurais e aos movimentos intelectuais do Estado. Faleceu ele em Natal, aos 18 de abril de 1956, vitimado por um enfarte.

Na Fazenda Ingá, onde foi fundada a família Lamartine, nasceu em 12 de junho de 1903, Otávio Lamartine, o terceiro filho do casal Juvenal — Silvina. Por questões políticas, Otávio foi assassinado em 13 de fevereiro de 1935, na mesma casa onde nascera, tendo sido erguido um cruzeiro em sua homenagem, esculpido em granito e localizado defronte à casa.

A casa-grande da Fazenda Ingá é um exemplar típico de casa rural da região seridoense. Apresenta planta retangular, desenvolvida em um único pavi-

mento, com cobertura em quas águas, cujos beirais estão voltados para a frente e tundos do terreno. No desvão do telhado ainda existe um paiol, onde eram guardados gêneros e rapaduras, embora o mesmo já esteja desativado.

A edificação apresenta um alpendre frontal, cuja cobertura encontra-se apoiada por colunas de madeira. Possui duas portas de acesso, na fachada principal, assentadas em vãos de arcos abatidos. Conservando a mesma feição original, a casa sofreu apenas pequenas modificações no seu interior, como: a construção de um banheiro e a substituição do piso de tijoleira antigo por um cimentado. Originalmente a casa era constituída de alpendre, copiar, duas salas, quatro quartos, duas cozinhas (sendo uma com trempe para queijo) e um terraço com forno de alvenaria; dois corredores (um com paiol e o outro com cantareiras para jarras d'água). No quintal estavam os depósitos e os sanitários. Contíguos à casa, os armazéns, primitivamente construídos para servirem de senzalas.

FONTES: "Velhos Costumes do Meu Sertão", de Juvenal Lamartine de Faria. Fund. J. Augusto, Natal, 1965. "Caetano Dantas Corrêa e o Sítio Ingá", do des. Silvino Bezerra Neto, Natal, 1957; "Assentamentos da Família Lamartine" de Hypperides Lamartine, Editora Clima, Natal, 1982; "Catálogo do Inventário dos Bens Culturais do Rio G. do Norte", realizado pela Fundação José Augusto, em 1987.

Repblicado por Incorreção

